

ENTRE A CEGUEIRA E A VISÃO: PERCEPÇÕES E MAQUINAÇÕES

Juliana Zaffalon Rodrigues

Róger Albernaz de Araujo

O presente trabalho não pretende responder a perguntas pré-estabelecidas, visa a instigar questionamentos que não pretendem ser respondidos, mas sim subvertidos. Fazer provocações, estimular uma nova forma de pensar sobre a cegueira e sobre os cegos. A utilização de outros modos sensitivos como elemento compensatório da falta de visão reafirma a habilidade dos cegos em enxergar usando seus outros sentidos e outros órgãos; que não exclusivamente os olhos. Uma formulação que postula que os cegos podem ter a capacidade de criar imagens à sua forma, produzindo um modo singular de enxergar.

Há neste trabalho uma intenção não só antropológica, em que o foco seja somente no sujeito cego, mas também no processo da cegueira. Pois a cegueira gera nas pessoas (cegas ou não) diferentes formas de agir e experimentar o mundo. Há um desejo de compreender a forma de percepção dos cegos sobre as coisas, pois enxergar pode ser um modo de perceber. Deseja-se então sentir as singularidades dos cegos, suas diferentes formas de ver o mundo que os cerca, o que os sensibiliza, o que os emociona, como criam as cenas, como entendem os espaços.

Não há ainda, muitos trabalhos realizados com indivíduos cegos. As maiorias dos trabalhos tratam da educação especial voltada para os cegos; falam sobre inclusão social, sobre a formação de professores e não se detêm nos indivíduos cegos e nas suas sensações, sensibilidades, subjetividades. Experimentar um devir-cegueira talvez seja a melhor definição daquilo que se deseja neste trabalho, enxergar o cego através da sua potência e não pelo que lhe falta, entender que a cegueira é um modo de vida.

Para entender a cegueira é preciso pensá-la como uma limitação perceptiva onde há ausência de visão, o que modifica a forma de apreensão do mundo. Pessoas cegas necessitam de recursos não visuais para estabelecer relações com outros processos perceptivos e cognitivos, o que resultará em diferentes organizações e constituições das subjetividades (SANTOS, 2007). Define-se como deficiência visual a perda total ou parcial da visão, seja ela cognitiva ou adquirida, refere-se a perda visual que não pode ser corrigida com lentes por prescrição regular; compreende tanto a cegueira total, que é a perda total da visão nos dois olhos, quanto à visão subnormal, que é uma irreversível e acentuada diminuição da acuidade

visual, que não se consegue corrigir pelos recursos ópticos comuns (LEME, 2004). Os cegos utilizam como modo compensatório outros sentidos para sua aprendizagem e desenvolvimento: tato, audição, olfato e paladar, através destes absorvem as informações dos estímulos externos, possibilitando a percepção, análise e compreensão do ambiente (MORAES, 2012). O cego pode perceber o mundo por diferentes maneiras, assim como o vidente. Logo, talvez a diferença de visão de mundo, não seja da ordem direta de ser cego ou vidente, mas das perspectivas de relação formadas pelas diferentes experiências de vida e diferentes percepções das coisas. Assim, não se pode exigir do cego que ele tenha a mesma concepção/percepção de mundo que os videntes. Sendo assim, pode-se pensar a cegueira enquanto processo que não é restritivo apenas aos cegos; mas a todos que não veem, sendo cegos e ou videntes.

De algum modo, há um conceito de cegueira que se torna responsável por um processo de significação acerca do que é ser cego e que compõe um discurso acerca da cegueira; que nomeia o cego e normatiza os sentidos envolvidos nestas relações. Ou seja, o que é dito e transmitido sobre o cego e as relações do processo de cegueira produzem um determinado tipo de percepção desta realidade, o que funciona como um modo a priori de pensar – uma Imagem Dogmática do Pensamento (DELEUZE, 2006). O processo da cegueira existe, porém o que é dito e transmitido sobre ela é fabricado. O cego é produzido pelos discursos que estão presentes nos mais diferentes meios de comunicação: internet, livros, revistas, jornais, televisão, além de compor o discurso individual de cada um em suas relações. Não obstante, faz-se premente pensar que é a partir destas “verdades” que irão se produzir posições, pensamentos, opiniões e juízos acerca da cegueira. É a partir desta base de valores que surge uma estética representacional que cada indivíduo tem sobre o cego e a cegueira; uma posição assumida como efeito das relações vividas, dos processos de formação e de assujeitamento (FOUCAULT, 2014). De algum modo, esses discursos funcionam como cenas dogmáticas de um pensamento sobre a cegueira, os quais produzem a atualidade do que é cegueira e do que é ser cego.

Há enunciados que estão carregados de juízos que podem nos levar a crer que existe um padrão a ser considerado normal para os seres humanos. Será que existe aquele que é diferente e aquele que é normal? Enunciados estes carregados também de uma sensação de falta de autonomia e incapacidade por parte do deficiente. É como se as pessoas deficientes não pudessem ser consideradas “donas” de suas próprias vidas e fossem fadadas a uma eterna dependência daqueles que são considerados normais.

Contrariando estes discursos totalizantes e generalizantes, Diderot, em sua obra “Carta sobre os cegos para o uso dos que veem”, mantém uma posição de relativismo cultural e epistemológico de que os cegos podem, a sua maneira, construir um mundo completo e suficiente, ter uma identidade cega completa e nenhum sentimento de incapacidade ou inadequação, e que o problema de sua cegueira e o desejo de curá-la, por conseguinte, é nosso, não deles (DIDEROT, 1979).

Como se pode apreender o mundo? Será que as informações oriundas dos sentidos correspondem à realidade? Porque um objeto é percebido de forma diferente por sujeitos diferentes? São realidades diferentes? O processo do conhecimento é determinado pelo sujeito que conhece ou pelo objeto que é conhecido?

O sujeito cego não possui o senso da visão, porém, forma suas percepções de mundo de uma maneira diferente, de tal modo que assume uma posição em relação a si e ao entorno, que o torna sujeito à outros modos de percepção do mundo. Os modos de percepção da realidade, neste sentido, produzem-se a partir de processo de subjetivação, pelos quais pode-se perceber como e porque o cego relaciona-se consigo e com o entorno, como estabelece seus saberes e suas possibilidades de relação. Segundo Félix Guattari (1992), a única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que enriqueça de modo contínuo sua relação com o mundo.

O sujeito é tão somente duração, persistência no tempo de um conjunto de afirmações e crenças decorrentes dos hábitos que qualificam o indivíduo e lhe conferem não “a identidade”, mas “uma identidade”, por definição provisória, que será passível de mudança, tão logo mudem as experiências que conformam seus hábitos (SOARES, 2008). Assim, necessita-se perceber acerca de como e porque o cego se torna o que é; como produz suas estratégias de relação com o mundo; como inventa modos de criar imagens que transcendem a representação do olhar; talvez, deste modo, seja possível aprender com a cegueira, outros modos de ver o mundo.

A questão da cegueira remete ao problema da construção do conhecimento pelo ser humano. A falta, desde o início da vida, desse canal de apreensão sensível dos sinais do mundo certamente determina formas singulares de a pessoa cega relacionar-se com a realidade e adquirir conhecimento (LEME, 2004). Essa disfunção anatômica implica uma necessidade de criação de outros meios sensíveis de relação com o mundo.

Os primórdios da comunicação na criança que enxerga se estabelecem por meio do olhar. É de se esperar, portanto, que crianças portadoras de deficiências visuais apresentem atraso no desenvolvimento da linguagem. Isso, porque o modelo de aprendizagem funciona

ancorado em pressupostos pelos quais a visão é absolutamente imprescindível. Porém, se a criança cega for provocada a estímulos outros, de outra ordem e natureza, pode produzir o seu sistema de linguagem.

O homem é um ser cultural e seu psiquismo é de natureza semiótica, então a apreensão do mundo se dá sobre bases simbólicas; não importa qual seja o aporte sensorial de estímulos, o importante é que haja a possibilidade de significar e interpretar. O ser humano, seja cego ou não, adquire conhecimento por meio de sistema de símbolos, sendo o mais importante deles a linguagem, e isso é perfeitamente acessível aos cegos. Portanto, o que é essencial para seu desenvolvimento é ter acesso ao convívio social, de modo a apropriar-se das significações de permeiam sua cultura e poder compreender o mundo (LEME, 2004).

MÉTODO E RESULTADOS

Com base em informações do Projeto Escrileituras (CORAZZA, 2013) optou-se por compor um procedimento de pesquisa, pelo qual se deseja construir um trabalho de uma maneira um pouco diferente da convencional. Nas pesquisas acadêmicas tradicionais, há um rigor acadêmico, existem regras e caminhos a serem seguidos, onde a metodologia acaba ditando por onde pesquisador e pesquisa devem seguir. Neste procedimento, não há um caminho a ser seguido, não há também a intensão de responder àquelas perguntas previamente determinadas, as quais geralmente já se sabem as respostas e deseja-se apenas confirmá-las. Nesta metodologia, acredita-se que pesquisador e pesquisa se formam e transformam juntos, num processo de dupla articulação. Há um desejo de motivar o pensamento, de instigar, problematizar e questionar.

Neste momento, o estudo se encontra em andamento, portanto ainda não há resultados, mesmo que este não seja perseguido. Todavia, deseja-se poder criar novas problematizações acerca da cegueira. O estudo está sendo realizado na cidade de Pelotas-RS. Será proposta, nesta próxima fase da pesquisa, conversa com pessoas cegas e com baixa visão, que frequentam da Escola Especial para Deficientes Visuais Louis Braille. Esta aproximação permitirá sentir as subjetividades, intensidades, dificuldades, superações, sensibilidades e muitas outras coisas que fazem parte da rotina e da vida que compõem o território da cegueira. Deseja-se compor com outras vozes, com outros olhares; propor outros cenários, outros processos tradutórios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORAZZA, Sandra Mara. **Didática da tradução, transcrições do currículo: escrituras de AICE (Autor, Infantil, Currículo, Educador)**. Estágio de Pós-Doutorado Sênior (CNPq, PDS n.151581/2013/4), de 01 de março a 31 de agosto de 2014. (Supervisor: Prof. Dr. Julio Groppa Aquino/USP.) Porto Alegre, 2013b, 36 p. (Texto digitalizado).
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 2006. 184 p.
- DIDEROT, Denis. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Disponível em: <<http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2012/10/23-Diderot-Coleção-Os-Pensadores-1979.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2016.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. 320 p. 3 v.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- LEME, Maria Eduarda Silva. Cegos e cinema: Revendo algumas concepções sobre a cegueira. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, v. 1, n. 16, p.61-72, jun. 2004.
- MORAES, Daniela. **Inclusão escolar de alunos com deficiência visual utilizando as tecnologias de informação e comunicação (TICs)**. 2012. 38 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Mídias na Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2012.
- SANTOS, Sueli Souza dos. **Linguagem e Subjetividade do Cego na Escolaridade Inclusiva**. 2007. 202 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- SOARES, Leonardo Barros; MIRANDA, Luciana Lobo. Produzir subjetividades: o que significa? **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p.10-23, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.revipsi.uerj.br/v9n2/artigos/html/v9n2a10.html>>. Acesso em: 25 fev. 2016.